

O BEBÊ E SEUS EDUCADORES: A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO POSSIBILIDADE NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO

*BABY AND ITS EDUCATORS: CHILD EDUCATION AS POSSIBILITY IN
PSYCHIC DEVELOPMENT*

João Francisco Greff do Amaral^I 
José Vicente Nunes de Alcantara^{II} 

^I Universidade Regional
Integrada do Alto Uruguai
e das Missões, URI, Santo
Ângelo, RS, Brasil. Acadêmico
do Curso de Psicologia. E-mail:
joao.francisco.amaral@hotmail.
com

^{II} Universidade Regional
Integrada do Alto Uruguai
e das Missões, URI, Santo
Ângelo, RS, Brasil. Mestre em
Psicologia Clínica. Docente do
Curso de Psicologia. E-mail:
jalcantara@santoangelo.uri.br

Resumo: O presente artigo traduz os percursos ao longo de dois anos de pesquisa longitudinal, tendo como tema o processo de constituição psíquica nos bebês/crianças inseridos precocemente em Escolas Municipais de Educação Infantil. A fim de investigar as possíveis consequências das longas jornadas fora de casa, procuramos verificar a qualidade das relações estabelecidas entre educador-criança, bem como, identificar possíveis interferências no curso saudável do desenvolvimento psíquico dos infantes que frequentam berçários durante os primeiros anos de vida. Participaram deste estudo 7 escolas municipais de Santo Ângelo/RS (14 professores e 20 bebês), os quais foram acompanhados através de visitas semanais nas instituições pelo período de nove meses. Em um primeiro momento, utilizou-se dos instrumentos: Entrevista Fase I com Educadores; Ficha Pré-testes e Protocolo IRDI. As respectivas ferramentas fizeram parte da primeira avaliação do ambiente e da relação educador-bebê. As observações semanais foram descritas em Diário de Campo. Posteriormente, realizou-se um curso de formação para educadores. Os pesquisadores reuniram-se semanalmente a fim de realizar seminários de estudo e discutir os dados obtidos através das observações. Ao término de nove meses de acompanhamento dos bebês, foi feita uma avaliação final através do Protocolo IRDI, caso houvesse uma possibilidade de risco ao desenvolvimento infantil, o bebê e sua família poderiam ser encaminhados para a Clínica Escola de Psicologia da URI. Os resultados da pesquisa indicam que quando o educador atua de modo suficientemente bom, ele exerce uma prevenção em face de patologias psíquicas, que podem vir a surgir nos primeiros anos de vida.

Palavras-chave: Berçários. Constituição Psíquica. Educação Infantil. IRDI.

Abstract: This article translates the pathways over two years of longitudinal research, having as theme the process of psychic constitution in babies / children inserted early in Municipal Schools of Early Childhood Education. In order to investigate the possible consequences of long journeys away from home, we seek to verify the quality of the relationships established between educator-child, as well as, identify possible interferences in the healthy course of psychic development of infants who attend nurseries during the first years



DOI: <https://doi.org/10.31512/vivencias.v17i32.375>

Aprovado pela Resolução 2433/
CUN/2018 do Prêmio Destaque
Edição 2020.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

of life. Seven municipal schools in Santo Ângelo / RS (14 teachers and 20 babies) participated in this study, which were followed up through weekly visits to the institutions for a period of nine months. At first, the following instruments were used: Phase I Interview with Educators; Pre-tests form and IRDI Protocol. The respective tools were part of the first assessment of the environment and the educator-baby relationship. Weekly observations were described in the Field Diary. Subsequently, a training course for educators was held. The researchers met weekly to conduct study seminars and discuss the data obtained through the observations. At the end of nine months of monitoring the babies, a final assessment was made through the IRDI Protocol, if there was a possibility of risk to child development, the baby and his family could be referred to the Clinical School of Psychology at URI. The results of the research indicate that when the educator acts in a sufficiently good manner, he exercises prevention in the face of psychic pathologies, which may arise in the first years of life.

Keywords: Nurseries. Psychic Constitution. Child Education. IRDI.

Introdução

Este artigo é oriundo do projeto de pesquisa longitudinal “*A Constituição do sujeito e a Metodologia IRDI com bebês/crianças de 0 a 18 meses de Escolas Municipais de Educação Infantil em Santo Ângelo*”, realizado nos anos de 2016 a 2018, que buscou articular a detecção de indicadores de risco em bebês que frequentam berçários municipais nos primeiros anos de vida.

A inserção precoce de bebês/crianças no contexto de Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) revela-se uma demanda crescente. A grande procura por berçários vem aumentando a partir do momento em que as famílias necessitam trabalhar fora de casa. Doravante, surge a necessidade de investigar o processo de constituição do sujeito psíquico fora do “berço familiar”, buscando verificar a qualidade das interações (dos educadores para com os bebês) estabelecidas neste contexto.

Uma vez que os bebês permanecem mais tempo com os educadores do que com os pais, quais seriam as possíveis consequências desta inserção precoce à constituição psíquica do sujeito? As relações estabelecidas entre educador-bebê são satisfatórias? Qual o lugar da Educação Infantil no desenvolvimento psíquico?

De acordo com Jerusalinsky (2005), a escola, enunciada nos berçários, empenha-se em funções relativas aos cuidados corporais, alimentares, organizadores do sono e dos controles esfinterianos. Deste modo, estes cuidados se articulam no atravessamento das bases primordiais desde o início da constituição do sujeito, momento este chamado de primeira infância.

No entanto, a escola não ocupa diretamente o lugar dos pais, nem mesmo revela-se uma mera extensão dos cuidados básicos fornecidos por um Outro. Não obstante, o bebê não existe sem um Outro que ocupe o lugar maternal em sua tenra infância.

Kupfer, Bernardino e Mariotto, (2014) inferem que a função materna, encontrada na escola, é exercida pelas (os) educadoras (es), e caracteriza-se como uma função *maternante*, pois,

é suportada por um desejo inscrito no âmbito profissional, mediado por um valor monetário. Contudo, a função da (o) educadora (or) é remanescente ao Ideal do Eu escolhido para que esta se faça representar no Social. Neste sentido, não há deslocamento ou sobreposição do lugar que a mãe ocupa como Outro primordial para o bebê.

Deste modo, partindo da compreensão de que os primeiros dezoito meses de vida de um ser humano são cruciais, tanto para seu crescimento maturacional, como para seu desenvolvimento subjetivo, é possível inferir que os primeiros meses de vida de um bebê/criança produzem marcas em seu corpo e, conseqüentemente, em seu psiquismo. Em consonância com isto, as relações com um Outro (cuidador), capaz de sustentar as necessidades do bebê, são bases fundamentais no que tange o processo de saúde mental e a construção de uma identidade subjetiva.

A partir destas questões norteadoras, articulamos um projeto de pesquisa, inspirado em investigações como O impacto da Metodologia IRDI na prevenção de risco em crianças que frequentam creche no seu primeiro ano e meio de vida (FERRARI; ROSA SILVA; CARDOSO, 2013) que, por sua vez, foi baseada em uma pesquisa realizada com o Instrumento IRDI (Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil) com pediatras (KUPFER E VOLTOLINI, 2005/2008), bem como na utilização do IRDI como uma metodologia de intervenção em creches (KUPFER; BERNARDINO; MARIOTTO, 2014).

O instrumento IRDI (Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil) foi elaborado por um grupo de pesquisadores com o intuito de detectar possíveis agentes patógenos. Ao desdobrar das pesquisas, ampliou-se esse caráter, inserindo o protocolo nas Escolas de Educação Infantil. Esta proposta ampliou o uso do instrumento (que antes era utilizado apenas em contextos médicos por pediatras, para verificar a relação mãe/bebê), apresentando o mesmo como uma intervenção capaz de promover saúde pública no contexto educacional, monitorando a relação educador/bebê.

Esta ferramenta, constituída a partir de quatro eixos teóricos norteadores (*Suposição de Sujeito; Estabelecimento da Demanda; Alternância presença/ausência; Função Paterna*) se fez possível no seguimento do arcabouço teórico da teoria psicanalítica e deu origem a um Protocolo organizado através de 31 indicadores (cronologicamente articulados entre: idade do bebê, estágio do desenvolvimento e eixos teóricos).

Para este artigo, reservamos alguns recortes dos dados coletados nos dois anos (de agosto 2016 a julho de 2018) em que nos propusemos a pesquisar bebês/crianças inseridos precocemente em berçários municipais. É de nosso interesse ilustrar os achados que obtivemos em nove meses de observação da relação entre escola-educador-bebê, bem como, ilustrar os percursos possibilitados através da Metodologia IRDI. No entanto, para este artigo, não iremos nos ater aos dados estatísticos.

Metodologia

Inspirados nas pesquisas anteriormente apresentadas, propomos utilizar a Metodologia IRDI como um instrumento de prevenção de risco psíquico em crianças que frequentam berçário

no seu primeiro ano e meio de vida, focando no processo de constituição do sujeito psíquico e na relação estabelecidas entre educador e criança. Portanto, trata-se de uma pesquisa intervenção de caráter longitudinal, sendo uma reprodução modificada do projeto originalmente proposto por Ferrari, Rosa Silva e Cardoso (2013). Participaram de nosso estudo 20 bebês/crianças com idade entre 5 e 18 meses inseridas em Municipais Escolas de Educação Infantil de Santo Ângelo bem como 14 educadoras.

Primeiramente, através da Secretaria Municipal de Educação, foram contatadas as 7 escolas que teriam o desejo de participar da pesquisa. As primeiras visitas nas escolas foram feitas pelos pesquisadores, divididos em duplas, onde, em diálogo com os educadores, fez-se a escolha dos bebês e a entrega dos termos (Termo de Instituição Coparticipante; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Educadores; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Pais).

No que tange aos instrumentos, na primeira etapa da pesquisa, utilizamos com os educadores a Entrevista Fase I (FERRARI; ROSA SILVA; CARDOSO, 2013), que se trata de uma entrevista semidirigida, abordando questões relativas à escolha profissional e à formação dos educadores (entrevista estruturada, gravada e transcrita a posteriori). Posteriormente, aplicamos a Ficha Préteste, que é um questionário simples, de múltipla escolha, no qual constam perguntas a respeito da constituição subjetiva e de aspectos do trabalho do professor relativos ao desenvolvimento dos bebês (FERRARI; ROSA SILVA; CARDOSO, 2013).

Na segunda etapa, após o grupo de pesquisa já estar inserido nas escolas e a escolha dos bebês participantes já ter sido feita, proporcionamos, também como instrumento, um Curso de Formação (perfazendo 8 horas), onde os bolsistas apresentaram aos profissionais da rede municipal de educação uma familiarização com a Metodologia IRDI, explanando alguns conceitos sobre a constituição do sujeito psíquico a partir de uma perspectiva psicanalítica.

Posteriormente, deram-se início às observações semanais dos bebês, sendo feita a aplicação do Protocolo IRDI (Figura 1) composto por 31 indicadores e adaptado para o uso em Centros de Educação Infantil (KUPFER; BERNARDINO; MARIOTTO, 2014).

A Metodologia IRDI (KUPFER; BERNARDINO; MARIOTTO, 2014) é um procedimento de intervenção, baseado no Instrumento IRDI, com profissionais que trabalham com bebês de zero a dezoito meses. Os pontos do Protocolo IRDI são utilizados no acompanhamento semanal dos bebês em interação com os educadores, no intuito de aguçar a percepção que eles têm do comportamento dos bebês.

Durante o período de 9 meses de acompanhamento semanal dos bebês, discutiu-se em seminários e reuniões do grupo de pesquisa os casos de cada escola, bem como, levantava-se as hipóteses de haver bebês em risco de sofrimento psíquico mais severo. Algumas visitas aos berçários foram filmadas, transcritas e discutidos nas reuniões do grupo de pesquisa. As visitas às escolas estenderam-se de junho de 2017 a dezembro de 2017.

Durante o primeiro semestre de 2018 organizou-se o retorno às escolas a fim de completar os nove meses de acompanhamento com os bebês e fazer o fechamento da pesquisa, dando uma devolutiva para a direção pedagógica e aos educadores. Caso constata-se algum bebê em risco de

desenvolver psicopatologias severas, seria feito um encaminhamento para o mesmo e sua família à Clínica Escola de Psicologia da URI.

Os pesquisadores retornaram os acompanhamentos semanais no mês de março e estenderam-se até o mês de julho de 2018. Este momento de fechamento foi dedicado à escuta com as educadoras e observação dos bebês, bem como, ao término dos nove meses, objetivou-se a aplicação da Ficha Pósteste, questionário simples, com questões similares às da Ficha Préteste, no qual constam perguntas sobre os aspectos do trabalho do educador com os bebês (FERRARI; ROSA SILVA; CARDOSO, 2013). Realizamos, também, a Entrevista Fase II, similar ao questionário Fase I.

A avaliação final dos bebês, através do Protocolo IRDI, ocorreu quando eles já estavam entre 17 e 18 meses. As devolutivas às escolas foram sendo dadas paulatinamente através de pareceres orais, entre os meses de maio e julho de 2018. As observações semanais dos bebês foram registradas em Diários de Campo.

Figura 1 – Protocolo IRDI.

Protocolo IRDI adaptado para uso em Centros de Educação Infantil				
	Indicadores	Data		
		Idade atual		
0 a 4	1. Quando a criança chora ou grita, a professora sabe o que ela quer.			
	2. A professora fala com a criança num estilo particularmente dirigido a ela (manhês).			
	3. A criança reage ao manhês.			
	4. A professora propõe algo à criança e aguarda a sua reação.			
	5. Há troca de olhares entre a criança e a professora.			
4 a 8	6. A criança começa a adaptar-se à rotina da creche.			
	7. A criança utiliza sinais diferentes para expressar suas diferentes necessidades.			
	8. A criança solicita a professora e faz um intervalo para aguardar sua resposta.			
	9. A professora fala com a criança dirigindo-lhe pequenas frases.			
	10. A criança reage (sorrir, voa iza) quando a professora ou outra pessoa está se dirigindo a ela.			
	11. A criança procura ativamente o olhar da professora.			
	12. A professora dá suporte às iniciativas da criança sem poupar-lhe o esforço.			
	13. A criança pede a ajuda de outra pessoa sem ficar passiva.			
	8 a 12	14. A professora percebe que alguns pedidos da criança podem ser uma forma de chamar a sua atenção.		
		15. Durante os cuidados corporais, a criança busca ativamente jogos e brincadeiras amorosas com a professora.		
		16. A criança demonstra gostar ou não de alguma coisa.		
17. Professora e criança compartilham uma linguagem particular.				
18. A criança estranha pessoas desconhecidas para ela.				
19. A criança possui objetos prediletos em casa.				
19b. A criança possui objetos prediletos na creche.				
20. A criança faz gracinhas.				
21. A criança busca o olhar de aprovação do adulto.				
22. A criança aceita alimentação semissólida, sólida e variada.				
12 a 18	23. A professora alterna momentos coletivos com momentos de dedicação exclusiva à criança.			
	24. A criança suporta bem as breves ausências da professora e reage às ausências prolongadas.			
	25a. A criança interessa-se pelo corpo da professora. 25b. A professora oferece brinquedos como alternativa para o interesse da criança por seu corpo.			
	26. A professora já não se sente mais obrigada a satisfazer tudo o que a criança pede.			
	27. A criança elha com curiosidade para o que interessa à professora.			
	28. A criança gosta de brincar com objetos usados pela professora e pelos outros			
	29. A professora começa a pedir à criança que nomeie o que deseja, não se contentando apenas com gestos.			
	30. O professor coloca pequenas regras de comportamento para a criança.			
	31. A criança diferencia objetos próprios dos de outras pessoas.			

Obs: A criança tem uma professora preferida?

Fonte: Kupfer e outros, 2014.

Resultados e discussões

A constituição Psíquica no Segmento da Educação Infantil

Quando falamos em desenvolvimento infantil é necessário fazer uma distinção entre as articulações que constituem o sujeito e os instrumentos dos quais este se utiliza para realizar suas trocas com o meio. A estrutura e o desenvolvimento articulam-se, atravessam e determinam a vida da criança, uma vez que a estrutura constitui um sujeito e, o corpo biológico, por sua vez, se desenvolve, amadurece e cresce. Esse corpo é visto ao mesmo tempo como corpo órgão e como corpo subjetivado, porque não há uma separação, o que há são aspectos estruturais e instrumentais que determinam e possibilitam um desenvolvimento humano.

Os aspectos estruturais e instrumentais no desenvolvimento humano são propostos por Coriat e Jerusalinsky (1996) da seguinte forma: os aspectos estruturais são formados pelo aparelho orgânico e o aparelho psíquico, que por sua vez, apresenta as estruturas subjetivas e cognitivas. Os aspectos instrumentais possibilitam as trocas com o meio, esse está estruturado pela linguagem, comunicação, aspectos psicomotores, de aprendizagem, organização dos hábitos de vida, jogos, brinquedos e os processos de socialização. O aparelho biológico não só possibilita a existência através do SNC (Sistema Nervoso Central), mas também condiciona, limita e ao mesmo tempo possibilita o funcionamento de todas as trocas com as demais estruturas.

Além disso, Coriat e Jerusalinsky (1996) esclarecem que o alicerce estrutural do desenvolvimento humano é formado por estes três sistemas que formam um triângulo único: o sistema nervoso central, psíquico-afetivo e o psíquico-cognitivo. Estes sistemas condicionam, marcam e definem a possibilidade e situam o lugar e a modalidade desde o qual o sujeito se manifesta.

Contudo, reservamos para este eixo de discussão a descrição do processo de acompanhamento de três bebês específicos, ambos inseridos no mesmo berçário. Durante o primeiro momento da pesquisa nas escolas (iniciado em junho de 2017), o berçário1 contava com uma professora e duas monitoras. O grande número de sujeitos em sala era algo que nos chamava à atenção: quinze bebês no berçário1 para três educadoras.

Neste caso, não tardou para que as primeiras impressões fossem confirmadas no discurso das educadoras. Na *Entrevista Fase I* obtivemos as seguintes respostas da professora D.: 9. Do que você menos gosta? O que você considera mais difícil no seu trabalho? *“Penso em ser mais difícil o excesso de crianças em sala de aula, com pouco espaço físico e falta de profissionais para trabalhar”*. 17. Você enfrenta dificuldades para realizar alguma das práticas que você considera importante? *“Sim. Às vezes a gente tem que fazer muito rápido porque não dá tempo, tem que atender as outras crianças. Então, falta profissional”*.

No intuito de verificar a constituição do sujeito, acompanhando a interação educador-bebê semanalmente, obtivemos os primeiros dados através dos discursos das educadoras, o que sugeria: a falta de profissionais torna precária a atenção dada aos bebês. Para tanto, o que estaria em jogo seria justamente a restrição das educadoras, que impossibilitadas de fazer o trabalho

pedagógico são reduzidas aos cuidados básicos do bebê (fazer dormir; trocar a fralda; dar a alimentação).

Neste berçário acompanhávamos os bebês: Ran, Vin e, posteriormente, Bein. Os dois primeiros bebês começaram a ser observados com 8 meses de idade (em julho de 2017). Os acompanhávamos semanalmente durante as atividades de rotina da creche. A aplicação do protocolo deu-se quando os bebês/crianças já haviam completado 13 meses, Ran não participava mais da pesquisa e Bein foi avaliado posteriormente.

É importante preconizar que o instrumento IRDI serve para sistematizar os dados obtidos nas observações e sua aplicação busca verificar a ausência ou presença de indicadores, isto se dá levando em conta a idade atual do bebê e os eixos teóricos. Neste caso, a ausência de algum dos 31 indicadores, que compõe o protocolo, sugere a possibilidade de risco.

O bebê Ran era filho de uma das monitoras do berçário¹. Enquanto não estava dormindo, ou mamando no seio da mãe, sorria o tempo inteiro. Sua participação na pesquisa não perdurou por muito tempo. A monitora M., mãe do menino, foi afastada da escola e, conseqüente, o bebê foi levado junto. Apesar de o acompanhamento de Ran ter sido lacônico, sua participação eliciou uma curiosidade, uma vez que, esta monitora não era a única a ter um filho no mesmo berçário em que trabalhava: será que a atenção dada ao filho seria a mesma direcionada aos outros quinze bebês da turma?

Vin era tido pelas educadoras como o “bebê chorão”. Foi o primeiro a ser sugerido, pela professora D., ao acompanhamento através da Metodologia IRDI. Na avaliação com o protocolo, o bebê estava com 13 meses, contactou-se a ausência dos seguintes indicadores: 6. *A criança começa a adaptar-se à rotina da creche.* 15. *Durante os cuidados corporais, a criança busca ativamente jogos e brincadeiras amorosas com a professora.* 18. *A criança estranha pessoas desconhecidas para ela.* 24. *A criança suporta bem as breves ausências da professora e reage as ausências prolongadas.* Verificou-se que Vin tinha uma educadora preferida.

Bein chegou ao berçário depois dos demais bebês. Começou a ser acompanhado pela pesquisa (em agosto de 2017) quando já estava com 5 meses de idade. A aplicação do protocolo deu-se quando ele já estava com 7 meses de idade. Tendo sido constatado a ausência dos respectivos indicadores: 1. *Quando a criança chora ou grita, a professora sabe o que ela quer.* 18. *A criança estranha pessoas desconhecidas para ela.* 19b. *A criança possui objetos prediletos na creche.*

Vin e Bein foram acompanhados durante o segundo semestre de 2017. Verificamos semanalmente suas interações em sala de aula com as educadoras, realizamos a aplicação dos instrumentos previstos, fizemos registros em diário de campo e discutimos os casos de cada um em reuniões periódicas com os pesquisadores.

Uma vez que a ausência de indicadores, no Protocolo IRDI, sugere uma posição de risco, avaliamos que no caso de Vin a ausência do indicador 24 confirmava as primeiras observações e a preocupação das educadoras, o bebê não suportava a ausência ou a troca de monitores. Segue registros do Diário de Campo: “*Vin acalma-se após a professora D ter lhe dado à mamadeira; em seguida, depois de mamar, passa a brincar com os brinquedos. Engatinha e, novamente começa a chorar.*” (07.08.17). “*Percebe-se que Vin chora toda vez que a monitora se distancia do carrinho*

dele.” (04.09.17). “*Vin busca constante interação com os sujeitos à sua volta; passa a chorar quando os sujeitos (educadores) se afastam; chora, também, quando algum outro bebê começa a chorar.*” (18.09.17).

Neste caso, o bebê Vin não estava adaptado ao funcionamento do berçário, como previsto na ausência do indicador 6. O que, de fato, poderia ser considerado como possibilidade indicativa de risco.

Apesar do choro ser comum neste ambiente, pois é uma das expressões mais primitivas do ser humano e estabelece uma relação interna do homem em direção ao mundo externo, a constância do choro de Vin parecia incomodar as educadoras e, isso se evidenciava através do discurso de ambas as profissionais. Quando se sentiam incapazes de solucionar o ininterrupto choro não era incomum escutar, “*Tudo o que tem na escola eu já te ofereci!*”.

Para tanto, o universo da criança organiza-se em torno de significações produzidas pela linguagem, sendo que, é por meio desta que o outro transmite à criança o saber sobre o mundo que a rodeia. É na relação com esse Outro, representante dos significantes e da articulação de significantes sociais que o sujeito irá organizar um saber sobre si, sobre o espaço que o rodeia, sobre o objeto e sobre o outro. Portanto, o choro de Vin, passou a sugerir que a ressonância que ali se produzia, servia como um chamado a este Outro.

Segundo Jerusalinsky (1989), o corpo é construído a partir de uma história que começa e se desenvolve sem que a criança possa escolher nada dela. Não nascemos com um corpo constituído, aos poucos esse corpo irá constituir-se com os significantes que a mãe irá atribuir ao bebê. O reconhecimento por parte da criança de um corpo inteiro, totalizado, ocorrerá pela imagem externa, que é a imagem que vem do Outro. As singularidades dessa imagem se darão a partir da linguagem, que lhes dará características singulares. E, é a partir das marcas simbólicas (de linguagem) que surgirão as possibilidades ou os limites do corpo do sujeito. Limites estes imaginários que foram criados a partir do simbólico parental.

Sibemberg (1998) nos aponta, ainda, que a linguagem é o suporte fundamental na estruturação de um sujeito, sendo que o sujeito do desenvolvimento é decorrente da constituição psíquica, da fenda que o desejo do outro lhe abre. A estruturação do sujeito é decorrente do anolamento dos três registros: o real, o imaginário e o simbólico, sendo que, os aspectos do sujeito biológicos são representados pelo real, o sujeito cognitivo pelo imaginário e o sujeito psíquico através do simbólico.

O sujeito constitui-se enquanto efeito de linguagem: enquanto inscrito no interior do campo do Outro, é o discurso parental que o antecipa. Há um primeiro corpo simbólico, corpo de representações, de desejos parentais de linguagem. “Um sujeito nasce da aposta à sua existência que, de fato, o Outro efetua ao chamá-lo como tal, antes mesmo de que o sujeito exista no real” (CORIAT, 1997 p. 96). O homem constitui-se, por efeito da linguagem, e são esses efeitos dados pelos Outros que marcam o corpo de um sujeito como desejante. Dessa forma, o sujeito é obra desse sistema simbólico que é a linguagem, desse mito que o antecede nas palavras enunciadas por uma voz.

Doravante, a possibilidade de intervenção a partir do IRDI pode ser vista, através dos quatro eixos propostos, na prática dos educadores com os bebês. Quanto ao primeiro eixo, Suposição de Sujeito, pode-se observá-lo quando a criança chora e o educador sabe o que ela quer, ou quando há troca de olhares entre eles, por exemplo. No eixo Estabelecimento da Demanda, são exemplos de indicadores: o suporte do educador às iniciativas da criança, sem poupar seu esforço; e a busca ativa da criança de jogos e brincadeiras amorosas durante os cuidados corporais. Os indicadores do eixo Alternância presença/ausência podem ser percebidos, por exemplo, quando o educador propõe algo à criança e aguarda sua reação ou quando a criança solicita o cuidador e faz um intervalo para aguardar a sua resposta. Com relação à Função Paterna, quarto eixo, podemos encontrar a maioria dos indicadores após os doze meses do bebê. Eis alguns deles: a alternância de dedicação do educador à criança com outros interesses; a reação do bebê às ausências do mesmo; e a introdução de algumas regras de comportamento.

Estas funções são desempenhadas primordialmente pelas mães, podendo também ser realizadas pelos educadores, ainda que se perceba como distintas as maneiras como o educador e a mãe exercem a função de agente do discurso, sendo resultado dos diferentes lugares ocupados por cada um para a criança. Há, também, a constatação de que o educador opera como um agente de separação primordial, situando-se como um terceiro na relação mãe-bebê.

A função de alteridade, a qual se refere à inscrição da função paterna, foi percebida por Mariotto (2009) como prevalente na relação educador-bebê. Sendo assim, a autora discute que, se há maternagem nessa relação, ela não se dá sem que a função paterna permeie a sua prática. Assim, propõe o conceito de paternagem como a função do educador da creche; sendo este uma referência que opera em especial pela função paterna, mas sem deixar de lado a maternagem.

Contudo, Bein era o bebê mais novo do berçário1. A discrepância de seu tamanho físico perto dos demais bebês era visível. A ausência do indicador 1 na detecção do protocolo denúncia o que pôde-se observar semanalmente, Bein era o menor da turma e isto dificultava o seu acompanhamento em face ao ritmo das outras crianças. Por ser o mais novo muitas vezes as educadoras não compreendiam o que ele queria. O seguinte trecho do diário de campo está de acordo com esta afirmação, *“uma das monitoras relata durante o lanche que Bein tem dificuldade para comer; é preciso estimular muito para que ele abra a boca”*. (30.10.17).

Ao longo destes primeiros 5 meses de acompanhamento com os bebês (de julho a dezembro de 2017), foi possível detectar a ausência de alguns indicadores. A constante troca de monitores era algo que, como a falta de profissionais, nos chamava à atenção. Nas últimas visitas, constatamos, através dos relatos das educadoras, dados positivos em relação ao desenvolvimento dos bebês: Vin já estava caminhando, diminuiu a frequência do choro e suportava mais a ausência das educadoras; Bein havia crescido, já estava engatinhando e começava a alimentar-se com mais facilidade.

No primeiro semestre de 2018, quando retomamos as reuniões com o grupo de pesquisa, respectivamente retornamos as visitas à escola e, em diálogo com a diretora pedagógica, recebemos a notícia de que os bebês participantes haviam sido remanejados. Vin havia sido transferido para o berçário2. Bein continuava no berçário1 com a professora D.

Em virtude das alterações, dialogamos com as professoras dos respectivos berçários e planejamos uma estratégia para os acompanhamentos semanais: primeiro visitaríamos o berçário1 e depois o berçário2. As informações iniciais que obtivemos a respeito dos bebês eram positivas: Vin estava chorando menos no berçário2 e Bein agora era um dos maiores bebês do berçário1, o que o tornava mais independente.

O ambiente do berçário2 era diferente. Lá todos os bebês/crianças já caminhavam e encontravam-se boa parte do tempo no chão realizando brincadeiras livres por toda a sala. Neste período realizamos o terceiro momento da pesquisa.

A aplicação do protocolo final deu-se quando Vin estava com 18 meses e Bein com 14 meses de idade. Na avaliação de Vin detectou-se a ausência dos seguintes indicadores: 24. *A criança suporta bem as breves ausências da professora e reage às ausências prolongadas.* 31. *A criança diferencia objetos próprios dos de outras pessoas.* No caso de Bein ocorreu à ausência de um único indicador: 24. *A criança suporta bem as breves ausências da professora e reage às ausências prolongadas.* Após a aplicação do protocolo final, realizamos, com as professoras, a *Entrevista Fase II com Educadoras e Ficha Pós Teste.*

A compreensão psicanalítica do discurso das educadoras sustenta o que as primeiras observações constatavam: o número excedente de bebês/crianças e a falta de profissionais torna precária a função maternante e pedagógicas das professoras. Segue os seguintes trechos da entrevista fase II. 2. Do que você menos gosta? O que você considera mais difícil no seu trabalho? *“Eu menos gosto do acúmulo de criança. É muita criança em um espaço tão pequeno e com poucos profissionais. O trabalho pedagógico, não dá tempo.”* 9. Você enfrenta dificuldades para realizar alguma das práticas que você considera importante? *“Tem um pouco sim. A gente precisa, por eles serem bebês né... não asseguram nem a mamadeira sozinhos então a gente precisa sempre de ajuda, não consegue fazer atividade com duas, dois adultos em sala de aula não conseguem fazer tem que ser entre três (...).”*

O Curso de Formação

Para este eixo de discussão, reservamos um breve espaço para problematizar alguns achados que se revelam pertinentes na sustentação de que o lugar de Outro, ocupado pela função maternante das educadoras, revela-se crucial aos bebês que frequentam berçários nos primeiros anos de vida.

Em nossas primeiras visitas de observação no berçário1, fomos capturados pelos relatos da Professora D.. Intrigada pelas questões discutidas no curso de formação, a educadora continuava questionando-se sobre o “bebê que chorava” (Vin) e sobre os registros efetuados na primeira infância.

A educadora D., continuou, ao longo dos nove meses de acompanhamento semanal, trazendo questões pertinentes aos temas que haviam sido trabalhados no curso de formação. Os questionamentos e inquietudes que ela trazia ao grupo de pesquisadores referiam-se a temas como: Por que um bebê chora tanto? Os bebês estão ligados aos problemas emocionais de seus pais? Como os professores podem agir quando há risco ao desenvolvimento do bebê?

Estas questões, trazidas semanalmente pela educadora, ganhavam força em seu discurso e, por ora, passaram a orientar o seu olhar e escuta para com os bebês. A professora D. enunciava o desejo de compreender o que estaria acontecendo com o bebê Vin – *“Por que ele chora tanto? Parece estar em desespero!”*.

Por ora, o seu movimento na direção de compreender os motivos por trás do choro de Vin, levaram-na a chegar próximo de algumas possibilidades e, a educadora, após alguns meses de acompanhamento semanal, produziu um insight – *“Pois é! Esses dias o pai de Vin chegou chorando aqui no berçário. Entrou na sala e abraçou o filho”*.

O que a educadora estava nos contando, referia-se ao dia em que a avó de Vin havia falecido. O pai do bebê, enlutado, chega até o berçário e a sua reação é chorar e abraçar o filho.

Considerações finais

Os resultados obtidos através dos nove meses de acompanhamento com os bebês/crianças em interação com suas educadoras confirmam as hipóteses iniciais de que a educação infantil está diretamente implicada na constituição do sujeito psíquico que frequenta berçário durante os primeiros meses de vida. As observações semanais, orientadas pelos eixos norteadores da pesquisa, detectaram as funções exercidas pelas profissionais, registradas diariamente no mundo subjetivo dos bebês. A manifestação dessa conexão entre educador-bebê revela-se durante as interações, as trocas de olhares, balbucios e carinhos que a criança dirige ao profissional que exerce a função maternante.

Apesar de encontrarmos a ausência de alguns indicadores, a evolução significativa dos bebês/crianças, evidenciada ao longo da pesquisa, sugere que o desenvolvimento subjetivo encontra-se no seu curso esperado. As aquisições psicomotoras, como engatinhar e caminhar se deram de modo satisfatório. A aquisição da linguagem, evidenciada pelos balbucios e, até mesmo, através do choro, constatam que as crianças estão construindo uma posição de sujeito em seus discursos.

Ao longo dos nove meses de acompanhamento, pôde-se observar e avaliar os bebês semanalmente em interação com suas educadoras e com o ambiente do berçário. Os eventos, as aquisições, os percursos no desenvolvimento de cada bebê/criança ilustram que a função maternante das educadoras é responsável pelo registro na constituição do sujeito.

Levando em consideração os quatro eixos norteadores de nossa pesquisa (*Suposição de Sujeito; Estabelecimento da Demanda; Alternância Presença/Ausência; Função Paterna*), percebe-se que há troca de olhares entre os bebês e as educadoras, embora haja deficiência no número de profissionais as educadoras dão suporte aos esforços das crianças e ocorre a inserção de regras de comportamento. Para tanto, não encontramos nenhuma criança em situação de risco e/ou propensa a desenvolver alguma patologia severa.

O curso de formação para educadores, uma estratégia utilizada para familiarizar os profissionais com a metodologia de pesquisa, nos serviu de base para compreendermos um

pouco mais sobre o interesse e a implicação dos profissionais acerca do desenvolvimento infantil em berçários.

Este curso, que teve a duração de 8 horas, sendo ministrado pelos bolsistas em duas noites diferentes, ocorreu na segunda etapa da pesquisa e eliciou nas educadoras diferentes reflexões. As questões sobre o desenvolvimento infantil perduraram e fizeram-se ressonantes para além dos dias em que o curso fora ministrado.

Através do curso, possibilitou-se aguçar o olhar dos profissionais para a importância da primeira infância, bem como, fortalecer a ideia de que o instrumento IRDI pode servir como uma ferramenta preventiva de riscos na primeira infância.

Em suma, apesar das dificuldades encontradas nas escolas, como a falta de profissionais, percebemos que “os bebês e seus educadores” vêm se saindo bem. Nossos achados sustentam a ideia de que a educação infantil é um caminho possível dentro da constituição psíquica.

Referências

- CORIAT, E. **A Psicanálise na clínica de bebês e crianças pequenas**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- CORIAT, E.; JERUSALINSKY, A. Desenvolvimento e maturação. In: **Escritos da Criança nº 1**. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 1996.
- FERRARI, A.; ROSA SILVA, M.; CARDOSO, J. L. **O impacto da Metodologia IRDI na prevenção de risco psíquico em crianças que frequentam creche no seu primeiro ano de vida**. UFRGS, 2013.
- JERUSALINSKY, Alfredo. **Psicanálise e Desenvolvimento Infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- JERUSALINSKY, J. **Quem é o Outro do sujeito na primeira infância?** Considerações sobre o lugar da família na clínica com bebês. 2005. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Julietta_Jerusalinsky.pdf. Acesso em: 20 nov. 2010.
- KUPFER, M. C. *et al.* Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. **Latin American Journal of Fundamental Psychopathology**, v. 6, n. 1, p. 48-68, 2009.
- KUPFER, M. C.; BERNARDINO, N. M. F.; MARIOTTO, R. M. M.. Metodologia IRDI: uma intervenção com educadores de creche a partir da psicanálise. In: KUPFER, Maria Cristina; BERNARDINO, N. M. F.; MARIOTTO, R. M. M. (Org.). **De bebê a sujeito: a Metodologia IRDI nas creches**. São Paulo: Escuta, 2014.
- KUPFER, M. C.; VOLTOLINI, R. Uso de indicadores em pesquisas de orientação psicanalítica: um debate conceitual. In: LERNER, R.; KUPFER, M. C. **Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa**. São Paulo: Escuta, 2008.

MARIOTTO, R. M. M. **Cuidar, Educar e Prevenir**: as funções da creche na subjetivação de bebês. São Paulo: Escuta, 2009.

SIBEMBERG, N. Autismo e linguagem. In. **Escritos da Criança nº 5**. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 1998.